

QUANDO SE DISFARÇA O PRIMEIRO DE MAIO COM A FESTA DAS ERVAS.

PINHEIRO MANSO, UM SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA, DEVEA MERECER A HONRA DE CONSTAR NA TOPONÍMIA DA CIDADE.

A Festa do Trabalho, ou seja o Dia do Trabalhador, não era tolerada pelo Estado Novo, ou seja só depois da revolução de Abril a data passou a ser guardada com feriado nacional, sendo o 1.º de Maio de 1974 o mais celebrado por todo o país, quando milhares de pessoas vêm para a rua festejá-lo em unidade, como nunca tinha sido visto.

Antes do 25 de Abril, a data já era encapotadamente assinalada na Amadora. Os trabalhos agrícolas paravam nesse dia para as pessoas subirem à Serra do Marco e, sob a copa do grande Pinheiro Manso, já desaparecido, faziam grandes piqueniques, e são convívios festivos com música e bailarico, namoricos e recolha de ervas aromáticas, daí chamarem-lhe também a Festa

das Ervas. Esse célebre Pinheiro Manso, foi arrancado por um ciclone, na manhã do dia 15 de Fevereiro de 1941. Para perpetuar esse belo exemplar ainda chegou a ser plantado um outro no mesmo local, bem como uma lápida comemorativa, em pedra, mas a incúria das pessoas e, talvez, a mando não se sabe de quem, tudo dali desapareceu. Essas comemorações não eram ignoradas pelas autoridades policiais, ao proibirem quaisquer festejos nesse dia, considerados marxistas e, assim sendo, subversivos.

Apesar disso, a Serra do Marco, no Alto da Falagueira, até próximo da ermida de Nossa



O belo Pinheiro Manso, isolado na Serra do Marco, destruído pelo ciclone de 15-2-1941 e à sombra do qual se fizeram ruidosos piqueniques.

Senhora da Lapa, as pessoas firmes e decisivas nos seus propósitos de comemorarem aquele dia tinham todos os anos a iniciativa de folgarem nessa data, mas quando as coisas davam para o torto e se viam impedidas pelas forças policiais, esperavam pela festa de Nossa Senhora dos Prazeres, ou de Santa Cruz, esta no dia 3 de Maio, nesse tempo feriado nacional comemorativo da descoberta do Brasil. A nível governativo chegou a dizer-se que a Amadora abusava desta festa, no dia 1 de Maio, ou muito próximo deste, daí a atenção das autoridades.

(Continua na página 3)

QUANDO SE DISFARÇA O PRIMEIRO DE MAIO COM A FESTA DAS ERVAS.

PINHEIRO MANSO, UM SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA, DEVIA MERECER A HONRA DE CONSTAR NA TOPONÍMIA DA CIDADE.

(Continuação da página 1)

A TOPONÍMIA NÃO DEVE ESQUECER O PINHEIRO MANSO

O referido Pinheiro Manso, se ainda existisse, mereceria as honras de ter, à sua sombra, acolhido grandes e ruidosos piqueniques, mas também conversas sigilosas de quem, apesar das proibições, teimava em comemorar o Dia Primeiro de Maio.

Seria, por isso, uma boa medida perpetuar a toponímia amadorenses o **pinheiro manso como um dos símbolos de resistência.**

Vejamos o que nos diz, a respeito destas festas, António dos Santos Coelho nos seus "Subsídios para a História da Amadora", como ele as viu e descreveu nos anos sessenta, numa altura em que a censura tudo proibia, daí, (como parece deixar perceber) chamar-lhe "uma festa de trabalho, por começarem as sextas nesse dia de Primavera".

A SERRA DO MARCO

"A Serra do Marco é um monte de elevada altura, desde o sopé até aos moinhos, mas com zonas de suave declive, dali se estendendo um panorama até onde a vista alcança. No monte terminava o caminho vindo da Falagueira para leste. Era outrora um monte muito arborizado, com um giestal que, quando em flor, era muito belo. O tojo e outros arbustos espinhosos espalhavam-se por toda a encosta da serra, misturados com pinhotas de rosmaninho e outras flores silvestres.

Ali existia o rei desta selva, que era um maravilhoso exemplar de pinheiro manso, redondo e bem formado, tendo a sua copa para cima de dez metros de diâmetro, e o tronco talvez fossem precisos dois homens para o abraçar. Mas um dia... esse dia fatal!, o vento ciclónico o arrancou e lá ficou tombado para sempre. Mais tarde, os "amigos do pinheiro" e a Filarmónica plantaram outro no mesmo local: para esse acto fizeram uma pequena festa e ali colocaram uma lápida de pedra. Até que um dia, não o vento mas a ignorância o destruiu.

Era aqui, na Serra do Marco, que o povo dos lugares que formam a Amadora, no século passado, fazia uma festa ou romaria no dia da Senhora dos Prazeres. Era uma festa familiar e de trabalho, por começarem as sextas nesse dia de Primavera.

De todos os povoados vinham grupos de famílias, atravessando a Falagueira ajouçados com os seus farnéis. Vinha também a banda da Sociedade Filarmónica executando a sua

marcha, acompanhada pela mocidade, que ali na Serra do Marco, debaixo do pinheiro, dava realce àquela festa do trabalho. Naquele dia, apressavam-se as pessoas que tinham obrigações a cumprir para não perderem aquela oportunidade de festa e de alegria.

À frente da banda tinham vindo alguns consócios e familiares dos músicos, que preparavam o lugar para o repasto. Como o pinheiro ficava quase no centro da serra, num local de pouco declive, esse era o mais próprio para os bailados.

Os grupos e as famílias espalhavam-se pela encosta da serra, espalhando-se pelo giestal, e outros procuravam sombras abrigadas, debaixo das árvores ou dos arbustos, e assim se divertiam passando a tarde daquele dia de primavera e de Nossa Senhora dos Prazeres comendo e bebendo os seus farnéis, ao abrigo do vento que, naquela quadra, quase sempre soprava do norte, respirando o ar fresco e perfumado das flores silvestres de mistura com o aroma de peixe frito e de outros petisqueiros. Tudo isto ao som da música, dos zumbidos dos bules-bules e doutros vegetais que o vento abalava e fazia bulir, esparecendo a vista pelos campos de verdes trigos e de fenos, por lugares e montes fronteiros, que lhes davam formosas e alegres paisagens, com aves a esvoaçar, pousando de tronco em tronco das árvores e arbustos, chilreando de alegria e preparando os seus ninhos, parecendo que a todos saudavam. Ao cair da tarde, já saciados, os grupos familiares iam-se juntando em volta do grande pinheiro onde a mocidade tinha armado o baile e alguns músicos tocavam canções. Também, neste local, apareciam alguns pimpões, com um grãozinho na asa, que às vezes rolavam pela encosta da serra. Estes tipos só serviam para arreliar os mais sensatos.

Quando o Sol estava a desaparecer e chegavam as primeiras sombras era sinal de que se avizinhava a noite, começava então o regresso para as suas casas, uns após outros, formando grupos, as belas moças rindo e gargalhando com os seus namoricos, sem esquecer os raminhos de rosmaninho que levavam na mão.

Era assim que desciam a serra a caminho dos seus lugares. No outro dia, já com as sextas, todos regressavam aos seus trabalhos e, com saudades do dia passado, contavam as aventuras da alegre festa.

Mais tarde, já depois da República, no dia primeiro de Maio, ainda se repetiam estas festas, mas já não tinham o realce e a alegria das daquela época. Os tempos eram outros e as gentes também."